FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

CONHECENDO A DEFICIÊNCIA VISUAL[1]

ROBARDELLI, Paula Renata [2]

RESUMO: A inclusão é um processo dialético, pois envolve a esfera das relações sociais, Inter e Intrapessoais vividas na escola. Neste artigo, será exposto o maior objetivo do professor que trabalha com alunos com múltipla deficiência e surdocegueira relacionado a autonomia da criança ou do adolescente. Será abordado também, o complexo desafio de professores e familiares de crianças com múltipla deficiência referente à comunicação. A comunicação precisa ser a mais significativa possível para que os alunos com múltipla deficiência tenham o interesse de se comunicar. O que importa é o quanto o ambiente e as experiências estão sendo propícios para que essa comunicação aconteça. Este trabalho apresenta um referencial teórico e prático sobre a deficiência visual no contexto inclusivo. Foi elaborado um estudo qualitativo de cunho bibliográfico, cuja metodologia, compreende os acontecimentos que ocorreram na educação incluindo na escola regular crianças com deficiência visual ou baixa visão e como a interação social e o lúdico podem contribuir para a sua formação de identidade e autonomia, sendo de fundamental importância a estimulação desde muito cedo para se obter uma educação de qualidade, visando o processo ensino e aprendizagem dos mesmos. Os resultados mostraram que a aprendizagem é algo muito pessoal, mas que para isso, deve ter a influência de pessoas habilitadas, através do estímulo e técnicas adequadas.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Cegueira. Escola. Criança.

***ABSTRACT**:* Inclusion is a dialectical process, because it involves the sphere of social relations, Inter and Intrapersonal lived at school. Throughout this article, it will be exposed on one of the biggest commitments of the people who work with students with multiple disabilities and deafblindness are related to the autonomy of the child or adolescent. Another major and complex challenge of teachers and parents of children with multiple disabilities refers to communication. Communication needs to be as significant as possible for students with multiple disabilities have the interest to communicate. What will matter is how much the environment and experiences are ripe for that communication to take place. This work aims to present a theoretical and practical reference on visual impairment in inclusive context. This study was a qualitative study of bibliographic nature that, through this methodology, educational historical events regarding the inclusion of children with visual impairments or low vision and how social interaction and playfulness can help to understand it their formation of identity and autonomy, are of fundamental importance to stimulation from very early to get a quality education, aimed at teaching and learning process of the same. The results showed that learning is something very personal, but for this, needs the influence of hability people, through stimulating and appropriate techniques.

KEYWORDS: Inclusion. Blindness. School. Child.

---

[1] Artigo de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Deficiência Visual, área de Educação.

[2]Pós-Graduação em Especialização com Ênfase em Deficiência Visual (Faculdade Eficaz de Maringá/ PR). Contato: paula.rr@hotmail.com

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

INTRODUÇÃO

Inclusão é um processo dialético, pois envolve a esfera das relações sociais, Inter e Intrapessoais vividas na escola.

A educação e os cuidados na infância são amplamente reconhecidos como fundamentais para o desenvolvimento global da criança. A educação infantil tem um papel primordial que proporciona integralmente à criança desenvolver-se em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Outro grande e complexo desafio de professores e familiares de crianças com múltipla deficiência refere-se à comunicação, sendo que esta deverá ser significativa para que esses alunos possam ter o interesse de se comunicar. É importante que o ambiente e as experiências sejam propícios para que ela aconteça.

Segundo Frizanco (2008), aponta que a comunicação vai depender do estabelecimento da confiança e da relação entre o adulto e a criança, e principalmente de que forma as informações serão estabelecidas.

O individuo que tem a visão normal consegue ter a ideia imediata e objetiva de tudo que se pode ver, como distância, ângulo, cor, tamanho, forma e às vezes até imaginar se é liso, áspero, seco, molhado, por isso a visão é vista como a mais detalhista e complexa de todos os sentidos.

Para que cheguemos ao entendimento acima, passaremos pelos conceitos, definições e classificação da deficiência visual e as adaptações de acesso ao currículo e atividades suplementares.

Para a realização do presente estudo será realizado um levantamento bibliográfico, com o intuito de formar o arcabouço teórico a fim de atender os objetivos propostos. Para tanto, serão utilizados livros, artigos, dissertações, periódicos, teses, análise de documentos oficiais e extra-oficiais; consultas em arquivos de órgãos oficiais; pesquisa bibliográfica e eletrônica; entrevistas e outros materiais pertinentes ao tema.

1 - Inclusão e Deficiência Visual

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Os olhos situam-se em duas cavidades ósseas denominadas órbitas. Na órbita encontram-se, além dos olhos, músculos, nervos, vasos sanguíneos, tecido adiposo e a maior parte do aparelho lacrimal. Os olhos têm forma ovalada, ocupando 1/3 da cavidade orbitária e mede cerca de 24 mm de diâmetro anteroposterior, sendo maior ou menor.

Deve-se dar toda atenção ao tamanho, brilho, cor e transparência das diversas estruturas do olho. As medidas dos olhos devem ser as mesmas, fechando no total as pálpebras e a abertura na medida em que dê para a criança ver, sem desenvolver vícios para isso.

As estruturas anatômicas visíveis dos olhos são:

- Córnea: película transparente e brilhante situada na frente do olho, através da qual se vê a íris e a pupila,
- Íris: parte colorida dos olhos, que fica atrás da córnea (controla a entrada de luz),
- Pupila: abertura no centro da íris, por onde entra a luz. À observação, deve ser redonda e preta,
- Esclerótica: conhecida como “branco do olho”, é uma membrana fibrosa e resistente, sua função é proteger e manter a forma do globo ocular.

Para ver o mundo em formas e cores é necessário que o nervo óptico e a retina (camada interna que reveste a câmara ocular) estejam intactos. A retina é formada por células fotorreceptoras, os cones, responsáveis pela visão central e visão das cores, e pelos bastonetes, responsáveis pela visão periférica e adaptação a pouca iluminação – visão noturna.

De um modo geral as crianças com Deficiência Visual são classificadas em dois grupos principais: cegos e com visão parcial ou reduzida.

2 - Baixa Visão

É quando o individuo tem a capacidade funcional da visão alterada em decorrência de vários fatores isolados ou associados, tais como: baixa acuidade

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

visual significativa, redução do campo visual que vai atrapalhando ou limitando o desenvolvimento visual do indivíduo.

3 - Cegueira

É quando o individuo perde totalmente a visão, até mesmo a ausência da projeção de luz. Bateman (1967) definiu a criança cega e aquela com visão parcial em termos do método que utilizam para aprender a ler. Ela afirma: *"Em termos educacionais, crianças cegas são as que empregam o Braille, e crianças com visão parcial são aquelas que usam material de impressão"* (Bateman 1967; p. 258).

Os sistemas escolares dispõem de uma grande diversidade de métodos para detectar crianças com deficiências visuais. Em algumas escolas, as crianças são encaminhadas diretamente a um oftalmologista ou ao especialista que tem como objetivo a realização de medições de amplitude visual (optometrista). Outros distritos escolares avaliam rotineiramente os jovens para determinar os que podem ter dificuldades de visão. Às crianças que não passam no processo que a escola impõe como avaliação, será orientado um método mais amplo que atinja sua capacidade.

O instrumento escolar padrão utilizado é a escala de Snellen, que consiste em fileiras de letras de tamanho decrescente que as crianças devem ler a letra maiúscula. E apontando para várias direções, é útil para avaliar as crianças pequenas e pessoas que não sabem ler. Pede-se que estas indiquem a direção das pernas do E. Os escores baseiam-se na exatidão com que a criança foi capaz de identificar as fileiras (ou direções dos Es), utilizando um olho de cada vez. Uma leitura de 20/70 no olho esquerdo significa que se consegue ver a uma distância de vinte pés aquilo que uma pessoa com visão normal consegue ler a setenta pés. Estas técnicas de avaliação são indicadores bastante rudimentares dos problemas de visão e não indicam problemas especiais de percepção de profundidade, visão de perto, ou fusão.

Crianças com deficiência visual não são diferentes das outras crianças, pois, possuem todas as necessidades e direitos de uma criança sem deficiência, seja ela

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!
|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br
Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

emocional, física, social e cultural, assim como todas as necessidades básicas tais como carinho, cuidados, segurança, etc.

Gostam de brincar, passear, conhecer pessoas e conviver com outras crianças. Se houver a oportunidade de conviver desde cedo em ambientes organizadores que favorecem a construção do vínculo, trocas afetivas e sociais favoráveis e um ambiente de aprendizagem que atenda às necessidades, jamais terão uma diferença de inteligência e capacidade com crianças sem alguma deficiência.

Devido à deficiência sensorial, apresentam necessidades específicas, caminhos e formas diferentes de aprender e gravar o cotidiano demoram um pouco mais para viver e organizar suas experiências, aprender e construir conhecimentos. Compreendidas essas especialidades pela família e professores, poderão se beneficiar do sucesso na inclusão escolar e social.

As primeiras interações comunicativas ocorrem mediante turnos de olhar. Além disso, desde os primeiros meses de vida, as crianças prestam atenção em estímulos visuais.

Poderíamos dizer então que a criança (bebê) deficiente visual teria dificuldade em estabelecer na comunicação pré-verbal, mas não, a criança cega presta uma enorme atenção seletiva na voz da mãe, distinguem claramente sua voz à de uma estranha, girando o corpo em sua direção.

Diversos autores estudaram que é necessário um vínculo de apego para que se estabeleça uma sincronia no desenvolvimento da criança.

Os estímulos táteis como balanço, carícias e cócegas são de extrema importância, pois uma criança cega é capaz de perceber e rejeitar quando alguém estranho a pega no colo.

A partir de cinco ou seis meses, os bebês sem deixar de ter um interesse prioritário pelas pessoas a sua volta, começam a dar mais atenção aos objetos físicos e dedicam boa parte de sua atividade ao exercício de seus esquemas sensório-motores em relação a tais objetos.

A única possibilidade que uma criança cega tem de saber que um objeto existe é quando ele está em contato com a sua mão ou que ele emita algum tipo de som.

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Na ausência total de visão ou gravemente abalada, fica complicado para as crianças criarem um universo de objetos permanentes, sobretudo daqueles que não estão em contato com a sua mão.

Com isso, as crianças cegas construirão, em primeiro lugar, uma vivência com os objetivos que ela sentir contato, tiver a oportunidade de “ver” com as próprias mãos, sendo assim, terá capacidade de procurar a partir dessa experiência. Provavelmente, a partir dos seus 2 (dois) anos de idade, permitindo que consigam alcançar com a mão os objetos sonoros, começarão a coordenar as imagens táteis e as auditivas e, passarão a procurar os objetos prestando atenção nos sons que emitem, se está mais próximo, mais longe, qual o lado, abaixo, acima.

A criança cega, bem estimulada, não tem problema no desenvolvimento do controle postural a não ser na conduta de levantarem-se com os braços quando estão de boca para baixo.

Essa conduta permite à criança cega olhar o espaço distante quando está deitada em seu berço.

O pouco conhecimento que as crianças têm do espaço e dos objetos que se encontram nele faz com que, por meio das mãos, ela consiga evitar obstáculos e se locomover sozinha.

Nas primeiras etapas da vida da criança cega, a intervenção educativa deve ser mais dirigida aos pais e aos educadores do que à estimulação do desenvolvimento e da aprendizagem da própria criança.

Desde seus primeiros dias, as crianças cegas e deficientes visuais dispõem de sistemas alternativos para a visão suficientes para interagir com os adultos, desde que estes saibam interpretar as vias alternativas de que a criança dispõe para conhecê-los e comunicar-se com eles.

A importância que se atribui ao sistema visual faz com que muitos pais tenham sérios problemas no momento de detectar e de interpretar os sinais que os bebês cegos emitem para mostrar suas preferências ao interagir com os adultos.

Quando uma mãe ou um casal recebe a notícia de que seu filho é cego, pode ter problemas para aceitar a deficiência e para considerar a situação de forma objetiva.

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!
|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br
Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

A superação desses problemas depende naturalmente das circunstâncias concretas da família e do contexto a sua volta, mas de todo modo é muito importante a intervenção psico-educativa.

Os pais devem receber informações não só sobre as capacidades de seus filhos, como também sobre as vias alternativas que, na ausência da visão, utilizam para conhecer o mundo. É necessário que os familiares entendam, que embora a criança tenha uma deficiência visual importante, ela possui muitas outras capacidades que lhe permitirão desenvolver-se bem e ter uma vida escolar normal. Trata-se, em suma, de gerar nos adultos as expectativas adequadas sobre as capacidades de desenvolvimento e aprendizagem de seus filhos.

Nesse sentido e na medida do possível, a intervenção deve ser feita de forma conjunta com a criança e seus pais. Para estes, será muito útil, por exemplo, assistir a vídeos comentados, observando todos os detalhes do desenvolvimento de uma criança com deficiência visual se possível, de seu próprio filho, nos quais se mostram suas capacidades: o sorriso, o reconhecimento das vozes, o papel da criança nos jogos que implicam turnos convencionais.

Os adultos também devem saber da dificuldade que seu filho tem para conhecer os objetos com os quais tem contato tátil e os mecanismos e as idades que se produz a coordenação áudio-manual.

Tudo isso para que estimulem os jogos com objetos de forma apropriada às características perceptivas da criança cega. No caso de o bebê não ser totalmente cego e contar com resquícios visuais mais ou menos evidentes, os pais devem aproveitar essa visão funcional sem deixar de lado a estimulação tátil e auditiva. A partir dos nove ou dez meses, devem incentivar ao máximo o jogo compartilhado com objetos e falar com as crianças sobre os brinquedos que emitem sons.

Tudo isso compreendendo as vias alternativas de que dispõe as crianças deficientes visuais graves para comunicarem-se por meio de gestos e vocalizações quando ainda não adquiriram a linguagem oral.

Se os adultos, mães, pais e educadores compreenderem os sinais emitidos pelas crianças cegas e responderem de forma adequada as suas demandas de socialização e de carinho, pode-se evitar que se produzam nelas problemas psicológicos associados à cegueira. Os estereótipos, a falta de interesse pelas

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!
|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br
Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

pessoas e os atrasos de desenvolvimento não têm porque existir em uma criança cega sem outras evidências físicas, psíquicas ou sensoriais associadas.

Finalmente, no que diz respeito à mobilidade, também é necessário que os pais ou os responsáveis pela criança cega na educação infantil saibam de suas possibilidades.

Naturalmente, também nesse terreno, é necessário incentivar ao máximo a utilização da visão funcional da criança. No caso de ela não dispor de resquícios visuais aproveitáveis, devem-se respeitar as características do desenvolvimento motor na ausência de visão e não forçar condutas que, como o engatinhar, não é funcional para um cego. Como se analisa a seguir é preciso estimular o desenvolvimento da mobilidade autônoma e o conhecimento do espaço, evitando tanto os possíveis perigos como a proteção excessiva da criança.

Segundo Figueira (1996), o ver, não é uma função independente, ela está integrada ao desenvolvimento psicossomático da criança – sua postura, coordenação, inteligência e personalidade. Fornece uma verificação imediata e a impressão de elementos que estimulam a curiosidade e o interesse da criança.

A cegueira é uma deficiência sensorial que faz com que o indivíduo tenha sua visão prejudicada total ou parcialmente. O dano, total ou parcial no sistema visual, faz com que as crianças cegas e os deficientes visuais utilizem os demais sistemas sensoriais para conhecer o mundo. Utilizando o tato, ouvido e até mesmo o paladar, elas utilizam esses sentidos como substitutos da visão.

O tato é um dos principais sistemas sensoriais, ele permite uma coleta de informações bastante preciosas e essa característica explica boa parte das peculiaridades do desenvolvimento e aprendizagem das crianças deficientes visuais.

A audição e o olfato, além de serem utilizados para a comunicação não verbal, têm funções tele-receptoras para a localização e identificação de objetos e pessoas no espaço.

O grau de visão funcional que uma criança possui determinará a possível utilização de vias alternativas em seu desenvolvimento. O exame oftalmológico deve ser realizado por um especialista, e é de extrema necessidade para diagnosticar o grau de deficiência visual que existe. Ele deve ser precedido da elaboração de uma

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

história clínica que se inclua dados para orientar na avaliação e tratamento, se possíveis, da deficiência.

> A cegueira é um fato psicológico, não é uma desgraça. Esta se converte em desgraça como fato social [...]. “Decididamente todas as particularidades psicológicas da criança com deficiência têm a base não só no núcleo biológico, e sim no social.” (VYGOTSKY, 1989, p.58).

Com o movimento de inclusão social que vem ocorrendo desde a década de 80, os princípios de direito à igualdade e à diferença nos contextos educacionais, vem se tornando uma realidade, a educação inclusiva pode desempenhar um importante papel de transformação cultural em relação às necessidades educacionais especiais, pois, o que determina a forma de desenvolvimento, aprendizagem e adaptação das crianças com deficiência visual, é a interação, comunicação e tudo aquilo que constrói através do convívio junto a sociedade.

Acredita-se que o sistema de ensino deve organizar projetos que promovam a inclusão destas crianças, criando condições necessárias para que tenham participações de aprendizagem, buscando estimular outros sentidos como o tátil, auditivo, olfativo, gustativo e sinestésico, além das adaptações metodológicas, orientações adequadas às mudanças do ambiente escolar, adaptações no currículo e na maneira de interagir e ensinar, todas as crianças podem se beneficiar da convivência de aprendizagem junto com os demais colegas que tem a opção de outros caminhos para alcançar o aprendizado, ampliando o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo. Os acessos à leitura e à escrita se farão pelo sistema Braille.

Em alguns casos, treinaram-se os cegos para conseguirem, com diferentes procedimentos, maior rapidez no reconhecimento das letras Braille. Os resultados dessas pesquisas realizadas com métodos muito distintos entre si, não permitem chegar a conclusões claras.

O treinamento, quando melhora a capacidade leitora, faz com que diminua o número de erros ou o tempo de ler as listas de letras ou palavras. Não é certo, porém, que garanta maior rapidez na leitura de textos, sobretudo quando se trata de leitura silenciosa.

As pesquisas realizadas sobre o papel do movimento das mãos na velocidade leitora (Bertelson, Mousty e D’alimonte, 1985; Kilpatrick, 1985; Kusajima,

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!
|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br
Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

1974; Simon, 1994) levam a crer que a forma das mãos ao ler tem muita relação com a velocidade leitora. De fato, esse movimento muda significativamente à medida que aumentam os níveis de instrução ou a idade das crianças.

Normalmente, os cegos lêem com o indicador da mão dominante, utilizando o dedo indicador da outra mão com a função de passagem e de marcador da mudança de linha. Quando as crianças começam sua aprendizagem leitora, utilizam apenas um dedo, voltando pela mesma linha para descer à seguinte, o que torna o processo extremamente lento.

À medida que aumenta seu nível leitor, o outro dedo é incluído no processo, para passar, mudar de linha e ler as primeiras letras ou as palavras da linha seguinte. Finalmente, os sujeitos mais hábeis utilizam o que é chamado de “padrão disjuntivo simultâneo”, que consiste em que cada dedo indicador leia uma parte da linha, juntando-se na parte central dela.

Embora existam poucos trabalhos sobre a incidência do treinamento do movimento das mãos na melhora da velocidade leitora, é importante instruir os estudantes cegos sobre esse aspecto, respeitando naturalmente o nível leitor atual das crianças e criando zonas de desentendimento próximo.

Ao tentar evitar os problemas apresentados por esse sistema de leitura, muitas pessoas não videntes recorrem a outras formas de acesso à informação. Assim, por exemplo, utilizam com muita frequência o que chamam de “livro falado”, que consiste em uma fita cassete que reproduz o conteúdo de um livro ou de uma revista, e que pode ser ouvida em diferentes velocidades.

De qualquer modo, esse sistema – embora proporcione uma velocidade ampliada que pode equiparar-se à que alcançam os videntes na leitura regular – não podem substituir por complexo a leitura da informação escrita. Em todo caso, é necessário projetar novas pesquisas, nas quais se esclareça a compreensão que se obtém mediante o livro falado, visto que pode ser um procedimento complementar que ajude os cegos a amenizar seus problemas de acesso à informação escrita.

Existem dois métodos diferentes para escrever usando tal sistema: a utilização da reglete e punção e o uso de máquina Braille. A reglete é uma superfície retangular, de plástico ou de metal, dividida em várias fileiras de células Braille côncavas. Sobre ela, coloca-se um papel grosso, que é fixado por uma moldura.

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

A criança tem de pressionar com a punção sobre o papel para marcar em relevo os pontos correspondentes a cada uma das letras, começando pela célula da direita. Isso supõe a necessidade de escrever as letras em espelho para poder lê-las corretamente ao virar, o que coloca um grande problema para os estudantes não videntes, já que devem aprender a rodar as letras, ou melhor, aprender letras de forma diferente para ler e para escrever.

Além disso, o tamanho da célula Braille é muito reduzido e podem ocorrer erros ao trabalhar com a ponta. Por último, é preciso assinalar que esse sistema não permite repassar o que já se escreveu.

A máquina é o meio mais fácil para ensinar os cegos a escrever. Constitui-se de seis teclas, que correspondem à posição espacial que ocupa cada ponto na célula Braille. Por exemplo, para escrever a letra “a”, deve-se apertar apenas a tecla correspondente ao ponto um; para escrever o “b”, o um e o dois; e para o “c”, o um e o quatro.

A máquina tem, ainda, um espaçador de sinais, um espaçador linear e uma tecla de retrocesso. Atualmente, os educadores utilizam esse sistema para o início da escrita, já que seu manejo é muito fácil, evita os problemas de rotação de letras e permite uma leitura imediata do que se está escrevendo.

Finalmente, é preciso destacar que hoje existem diversos instrumentos tecnológicos capazes de auxiliar indivíduos com um nível de deficiência, seja ela leve, moderada ou grave na leitura e na escrita. Os mais importantes são, sem dúvida, os que decorrem dos avanços na informática.

Atualmente o mercado oferece teclados, impressoras, sintetizadores de voz, programas de softwares, etc., que permitem ao cego ou ao deficiente visual um acesso maior à comunicação e à língua escrita. Também se está trabalhando na criação de programas para o ensino de Braille nos diferentes níveis educacionais.

Um exemplo desse tipo de programas é um sistema multimídia desenvolvido por Rosas, Strasser e Zamorano (1995) para iniciar as crianças cegas e deficientes visuais no sistema de lecto-escrita Braille. Seu principal objetivo é superar a falta de motivação das crianças para aprender a ler Braille e os problemas decorrentes da inversão especial entre leitura e escrita que se produz com esse código.

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Ressaltando que é necessário o professor saber quais as causas da perda visual e conhecer quem são as crianças cegas e com baixa visão, para o acolhimento ser compreendido de acordo com suas necessidades, mostrando a afetividade e uma atitude positiva na interação com elas. Para que essa interação ocorra de maneira significativa para o educando, o brincar deve estar presente no cotidiano da Educação infantil e principalmente com as crianças de deficiência visual, pois a brincadeira é um diálogo corporal e uma forma de se comunicar, porém muito importante para a construção do eu e do outro.

Segundo o artigo 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil, os eixos norteadores das práticas pedagógicas devem ser as interações e a brincadeira, indicando que não se pode pensar no brincar sem as interações: com a professora, com as crianças, com os brinquedos e materiais, entre crianças e ambiente e na parceria escola / família.

> Tendo nascida privada do sentido da visão, mais do que as outras, a criança cega necessita de contato com tudo que a cerca, pois o aprendizado vem do social (família, escola, comunidade). Precisa ser estimulada em todos os momentos, isto é, o aprendizado deverá ser constante. O papel do professor de educação especial e posteriormente do professor do ensino comum e mais especificamente, o psicomotricista é o de proporcionar meios adequados para esta criança aprender e estar entre os demais (na escola, na rua, nas lojas, supermercados, etc.). Muitos conhecimentos da vida diária serão aprendidos não só na escola, mas também em casa, através da família, pois a criança cega vai passar a maior parte do tempo junto à mesma (CARLETTO, 2008, p5).

Portanto, é fundamental que a equipe escolar esteja engajada para atender à criança com deficiência visual, lembrando que cada criança é exclusiva, ou seja, tem características diferentes de qualquer outra, com deficiência ou não, seja na forma de aprender, de ser, de agir, no tempo de absorver a informação, a forma de lidar com as informações e agir no mundo tornando o processo ensino aprendizagem mais prazeroso, eficaz e voltado realmente para o pleno exercício da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

As reflexões desencadeadas por este artigo nos apontam que quando o individuo possui deficiência visual deve-se ter uma inclusão na escola de forma efetiva e adequada, oferecendo meios condizentes com as necessidades de aprendizagem integrando essa pessoa ao meio.

A aprendizagem é algo muito pessoal, mas ter a influência de pessoas habilitadas, através de estímulos e técnicas adequadas o resultado pode ser mais eficaz. É um processo dinâmico, continuo, vivo, global e individual. Para ter uma aprendizagem com êxito, é necessário o amadurecimento do ser para referida modificação.

O clima familiar, a falta de estímulo e adaptação do aluno à escola, influencia no processo de aprendizagem dos alunos, podendo até trazer prejuízo no rendimento escolar.

O meio ambiente, o espaço físico, dentro da escola e no lar, tipo de sala de aula, o material escolar, são aspectos importantes a serem observados, pois influenciam no aprendizado.

Para a escola ser funcional será necessário uma forte aliança entre toda equipe escolar e a comunidade, as quais trabalham os seus conflitos através do diálogo e da colaboração.

O olhar para o aluno com falta de visão, tem que ser voltado para as possibilidades, pois não é a dificuldade que determina seu destino e sim a realização sócio-psicológico de seus pontos fortes do que ele pode e é capaz de fazer.

É preciso reconhecer essas dificuldades como um fenômeno complexo e multifacetado. Cabe ao professor ter o domínio adequado para lidar com as dificuldades encontradas em sala de aula, para a seleção de método e procedimento de ensino adaptados para colocar em prática. Essa adaptação é importante para o processo educacional e mostrando assim uma integração com os meios sociais para que o aluno se torne um cidadão.

No entanto, são tantas as possibilidades, que é importante ao professor, conhecer os problemas mais comuns no ensino. Sendo assim, será possível ampliar a reflexão do aluno e automaticamente todas suas percepções e sua visão global.

FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

As considerações devem ser claras e concisas e apontar as implicações do trabalho para a teoria e/ou para a prática pedagógica. Acrescentam-se também as limitações do estudo e sugestões para novas pesquisas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial – educação especial, um direito assegurado. Brasília: MEC / SEESP, 1994.

BRASIL. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: Deficiência Múltipla. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2000. (Série Atualidades Pedagógicas).

CARLETTO, Marcia Regina Vissoto. **A estimulação essencial da criança cega** (2008). Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/488-4.pdf Acesso em: 12 de maio 2016.

GÂNDARA M. **A Expressão Corporal do Deficiente Visual**. 2ª ed. Campinas (SP): MEC; SEDES/ABDA; 1994.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Cegueira. Acesso em: 20/07/2016

http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Inclus%C3%A3o/55640474.html. Acesso em: 22/07/2016

http://www.sac.org.br/instituto/APR_BR2.htm. Acesso em: 25/07/2016

http://opticaatlantis.blogspot.com.br/2006/12/esclertica.html. Acesso em: 10/08/2016